

*Tudo se ilumina  
para aquele que  
busca a luz.*

BEN-ROSH

הַלָּפִיד

*... alumia-vos  
e aponta-vos o  
caminho.*

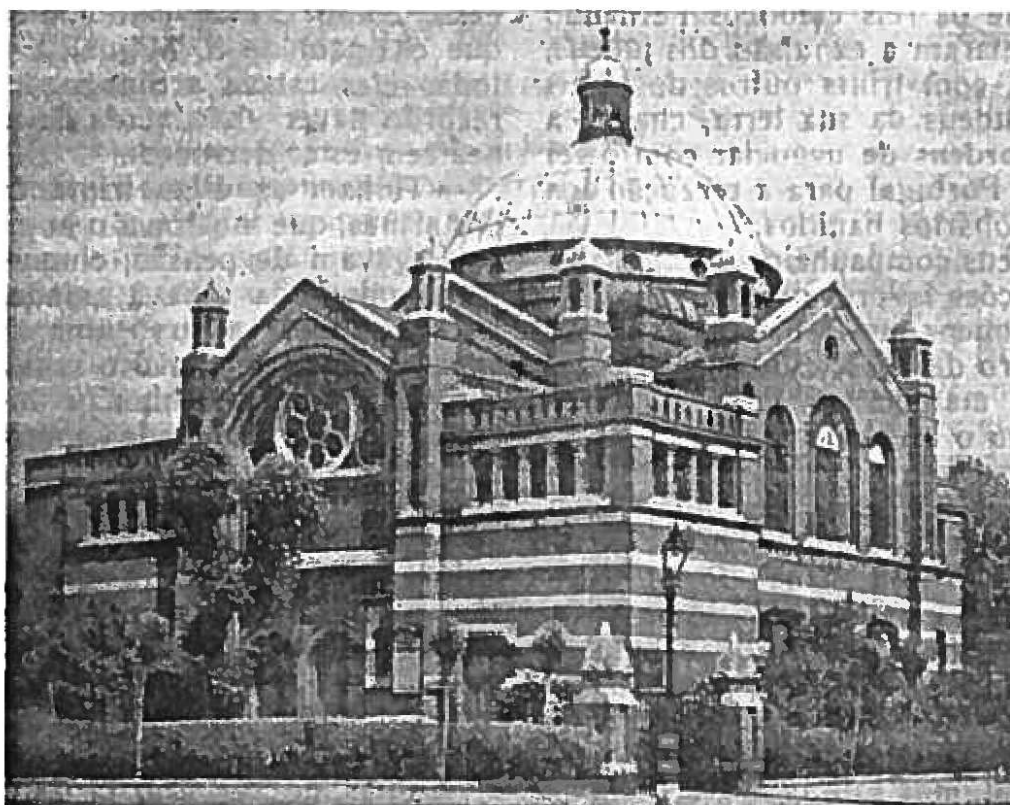
BEN-ROSH

(HA-LAPID)  
O F A C H O

DIRECT. E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)  
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Haim  
Rua Guerra Junqueiro, 340 — PORTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.D.A  
Rua da Fábrica, 80  
PORTO

## THE LAUDERDALE ROAD SYNAGOGUE



A sinagoga de Lauderdale Road da Spanish & Portuguese Jews Congregation (Congregação dos judeus Espanhóis e Portugueses) de Londres foi inaugurada no domingo 4 de Outubro de 1896 e no domingo 2 de Heshvan de 5707 (27 de Outubro de 1946) celebrou o seu jubileu com um culto especial.

# DON ISAC ABOAB

(ÚLTIMO RABI-MOR DE CASTELA)

VEM REFUGIAR-SE E FINDAR OS SEUS DIAS NO PORTO

POR

A. C. DE BARROS BASTO

(Ben-Rosh)

Don Isac Aboab nasceu em Toledo em 1433. Foi discípulo do Rabi D. Isac Campaton, Rabi-mor de Castela, e sucesor do seu mestre no alto cargo de chefe supremo dos judeus castelhanos. D. Isac Aboab foi um comentador bíblico espanhol muito notável, tendo deixado várias obras suas, escritas em hebreu, cujo assunto consta de sermões e comentários teológicos. Foi cognominado, por vários escritores israelitas, «o último gaon de Castela».

Depois que os reis católicos Fernando e Isabel decretaram a expulsão dos judeus, em 1492, ele, com trinta outros dos mais respeitáveis judeus da sua terra, chegou a Lisboa com ordens de negociar com o rei D. João II de Portugal para a recepção dos seus correligionários banidos.

Ele e os seus companheiros foram habitar em condições favoráveis no Porto.

Morreu, poucos meses depois da expulsão, em Janeiro de 1493. O seu discípulo, o cronista e matemático Rabi Abraham Zacuto, dirigiu o seu funeral.

Muitos dos discípulos de Aboab atingiram grandes distinções. Seu filho, Jacob Ben-Isac Aboab, editou em 1538, em Constantinopla, a sua obra *Nahar Pishon* (Rio Caudaloso) que é uma colecção de sermões.

Um seu parente, Imanuel Aboab, nascido no Porto, no seu livro *Nomologia*, narra estes acontecimentos da forma seguinte:

— «E deve saber o curioso leitor, que em Castela foi mui estimado este senhor dos Reis Fernando e Isabel; e logo que em Março, do ano mil quatrocentos e noventa e dois, fizeram em Granada a pragmática dita contra os judeus, se foi o venerável sábio, com outras trinta casas de nobres Israelitas, a Portugal, a concertar com El-Rei, que era então João, segundo daquele nome, a quem succedeu Emanuel. Foram bem recebidos de El-Rei, e acordaram, que

pudessem entrar no Reino, seiscentas casas de Judeus, com pagar-lhe oito escudos de ouro cada um (como escreve Osório, apesar que o Usque diz somente dois escudos) e ao cabo de seis anos, lhes mandaria dar navios acomodados, e por moderados preços, para poderem, sair de seus reinos, para partes de África, ou Levante, como mais quisessem. A estas trinta famílias mandou El-Rei acomodar na cidade do Porto; e fez que a cidade desse a cada uma delas uma casa; como deram mui cómodas, na rua que chamam de S. Miguel, e em meio de todas elas estava a Sinagoga, que eu me recordeo haver visto ainda na minha meninhez sem estar derrocada.

«Tinham as ditas trinta casas um P. por armas, que mostrava o nome da cidade.

Pagavam de pensão, cinquenta reis, ou maravedis cada uma à cidade, e ela lhes fazia empedrar a rua; uma destas trinta casas era a de meu avô o senhor Abraham Aboab, a quem o Senhor perdoe. Sucedeu então aquela crueldade enormíssima, de mandar El-Rei dom João levar muitos meninos dos Hebreus às Ilhas que chamam dos Lagartos; por causa de haverem passado a Portugal mais número de gente, que as seiscentas casas capituladas. A todos os que foram de mais, condenou El-Rei, e tomou por seus escravos, e aos filhos innocentes mandou levar às ditas Ilhas dos Lagartos.

«Antes de ver este lastimoso espectáculo, e os outros que lhe succederam nos anos seguintes passou a gozar a vida eterna o bendito Rab; e entendo que está sepultado na cidade do Porto. De todos os seus discípulos, que foram muitos, e mui excellentes, não acho que haja passado algum a Portugal, além do Rabi Abraham Zacuto, Astrónomo de El-Rei dom Manuel: o qual conta a morte do seu honrado mestre, e

como ele *darsou*, ou fez sermão nos seus funerais. »

Deste relato de Imanuel Aboab vemos que as trinta famílias de judeus castelhanos, que vieram refugiar-se no Porto, se instalaram na rua de S. Miguel, na parte hoje chamada de S. Bento da Vitória, em casas que em grande parte foram demolidas para a construção do convento de S. Bento e da Cadeia da Relação; e *em meio de todas elas estava a Sinagoga*, diz Aboab, e eu informo o leitor que a Sinagoga, ou Esnoga, como diz o povo, era no local da actual Igreja de S. Bento da Vitória.

A Sinagoga da Judaria de Olival tinha o mesmo comprimento que a Igreja de S. Bento da Vitória, não incluindo a capela-mor. Ainda existe a cornija da antiga Esnoga, a qual se pode ver, entre o teto e o telhado da ala norte do convento beneditino; começando ela junto à fachada oriental da igreja, percorre toda a fachada lateral sul e dobrando em ângulo recto segue a fachada ocidental até ao edificio da capela-mor, onde é interrompida. Por isso se verifica que a Sinagoga tinha o mesmo comprimento que a igreja e é de presumir que a largura, atendendo-se às proporções estéticas, fosse sensivelmente a mesma. Comemorando a transformação da Esnoga em edificio cristão, ainda hoje existe gravada na padieira da porta lateral do átrio, na parede mestra, ao lado esquerdo de quem entra na igreja de S. Bento, a seguinte legenda :

*Quæ Fuerat Sedes Tenebrarum  
Est Regia Solis  
Expulsis Tenebris Sol Benedictus Ovat*

cuja tradução, seja isto dito para o leitor desconhecedor da língua latina é: Aqui, que foi a sede das trevas, é sede real do Sol; expulsas as trevas o sol beneditino está triunfante.

Immanuel Aboab, que nos informa ter o último Rabi-mor de Castela findado os seus dias na cidade do Porto e ter sido sepultado no cemitério israelita desta cidade, ter vindo dirigir o funeral e ter discursado nele o célebre astrónomo Rabi Abraham Zacuto, nasceu nesta cidade norte-nordeste, não se sabendo quando saíu de cá. Sabemos que ele residiu muitos anos em Veneza, onde morreu em 1628.

Após a sua morte, os seus parentes e herdeiros fizeram imprimir em 1629 a sua obra, já terminada em 1625. Esta obra, chamada *Nomologia*, é uma história e apologia da tradição judaica, contendo também várias notícias sobre a história dos judeus em geral e sobretudo dos judeus espanhóis e portugueses.

Temos falado em cemitério judaico no Porto e ainda não dissemos onde estava situado e por isso agora o vamos fazer.

O cemitério israelita do Porto era na encosta do Monte das Virtudes, no terreno que ficava limitado pelas muralhas da cidade, Calçada das Virtudes para Miragaia, Rio Frio, actual capela do Espírito Santo e Pedra Escorregadia. Esta pedra ou rocha ficava próximo do postigo das Virtudes e duma parte da actual rua da Cordoaria Velha, voltada para S. Pedro de Miragaia.

No Arquivo Municipal do Porto vários documentos existem referindo-se ao cemitério judaico desta cidade. Transcrevo dois destes documentos, onde se indica claramente onde estava situado esse campo de repouso dos mortos israelitas :

«Em nome de Deus, amém. Saibam quantos este estormento de aforamento para sempre virem que no ano do nascimento de nosso senhor Jesus Cristo de mil quatrocentos e cinquenta e dois anos, aos vinte e dois dias do mês de Abril, na cidade do Porto, na Camara da *Rollaçõ* dessa mesma cidade, sendo aí presentes os honrados Fernan Vieira, Afonso Anes Aranha, vereadores e Eitor Moreira, procurador, e outros homens bons da dita cidade aforavam e por aforamento para sempre davam a Gomes Pirez, sobrinho de Vicente Cerveira, que presente estava e a Leonor Eanes sua mulher, não presente, moradores em Miragaia, arrabalde da dita cidade, para eles e para todos os seus herdeiros e sucessores, que depois ele vierem, e para quem a eles prouver, umas barreiras, que estão junto com o rio de San Pedro de Miragaia, que partem dum cabo com lugar de Fernan Vieira e Luiz Eanes seu irmão, e por cima contra o Monte, parte com o jazigo dos judeus, e da outra parte com a estrada, que vai para Miragaia, as quais barreiras lhes aforavam com todas suas entradas, saídas novas e antigas, como pertence á dita

# O DIA DO GRANDE PERDÃO

POR LUIZ GOLDING

Era o dia dos dias, o dia do Grande Perdão. Neste dia, o Deus de Israel prometeu perdoar a seus filhos, de os lavar para que eles sejam puros de todo o pecado perante o Senhor. Mas para isto, quanta contrição, quantas lágrimas, quantos peitos batidos! Quantos silêncios súbitos, intoleráveis, imprevisos, caídos sobre todos estes homens e sobre todas estas mulheres, e sobre todas estas crianças, como se cada um, durante este longo momento estivesse cheio da presença imediata de Deus! Depois, o furacão das lamentações, como uma torrente barrada que, forçando os obstáculos, é mais tumultuosa ainda.

O serviço da manhã começava na pequena sinagoga de Begley Hill. Desde a véspera, à noite, nenhuma água tinha desalterado estas bocas secas ou refrescado estas frentes febris; e assim seria até ao fim deste longo dia, até ao momento em que soasse a buzina de chifre de carneiro. Era a hora em que a fome e a sede se faziam sentir mais vivamente, se nos abandonarmos a pensar nisso. Porque, à medida que o dia progredia, os corpos tornavam-se pesados por uma atmosfera abafada, e as

almas deixavam afrouxar a expansão dos seus arrebatamentos. E à tarde, à excepção dos mais piedosos, todos se agrupavam próximo da porta da sinagoga, ou passeavam ao acaso, durante alguns minutos, com a cabeça cheia destas lamentações. Depois regressavam, tornavam a subir a pequena escada sombria, com o olhar desvairado, e iam assentar-se perto da Arca, ou debaixo da Tribuna, ou ao lado da porta, conforme a sua categoria. E a oração do dia não se interrompia nem um instante, e as lágrimas continuavam a correr, e durante todo o dia, batiam com as mãos no peito. Mas os mais austeros dentre eles não mexiam. Eles ficavam de pé todo o dia de dor da mesma forma, esta mulherzinha de olhos castanhos, que mantém afastada das outras encostada contra a grade que separa a parte das mulheres da verdadeira sinagoga. Esta mulher é Lea (é digna de lástima, e que por ela se derrame uma lágrima) a mulher do que se não pode nomear, do abominável. Ela tem um filho, Ruben. Ele está lá, na sinagoga, escondido atrás da tribuna, no banco dos pobres, e o seu lugar quase nada lhe cus-

cidade, e que ele Gomes Pirez e e sua mulher e herdeiros e sucessores façam em eles...»

O outro documento diz:

— «... Um cerrado tapado de parede, com suas arvores de fruta e laranjeiras, o qual está acima do dito arrabalde de Miragaia, onde chamam a pedra escorregadia, que parte de uma parte com enxido e cerrado de Afonso Pires, cordeiro, e da outra com o chão desta pedra, que se chama e foi jazigo dos judeus e por fraga e caminho que desce da Porta do Olival para Miragaia com as mais confrontações que de direito partir deve...»

Como este documento é datado de 19 de Agosto de 1536, e nele se afirma que o

terreno junto à Pedra Escorregadia se chama e foi jazigo dos judeus é porque nessa data ali não existia tal cemitério, não tendo eu conseguido saber para onde foram removidos os cadáveres ali existentes, nem qual o destino das lápides sepulcrais, cujas inscrições podiam fazer muita luz sobre a vida judaica portuense.

## NOTAS

GAON — Palavra hebraica que significa — majestade, sublimidade.

DARSOU — Palavra aportuguesada do hebraico Darash — discursar.

DARUSH — Significa — discurso, sermão.

RAB — Mestre em teologia, equivalente a doutor em teologia hebraica.

**Visado pela Comissão de Censura**

tou, porque os dignatários conhecem a sua vergonha e a vergonha de sua mãe, e têm piedade deles.

Neste dia, mesmo os que estão mais afastados do grémio da congregação estão juntos aqui, e o terror está nos seus corações. E aqueles que tomaram mulher entre os gentios e têm tido vergonha de fazer entrar os seus filhos na aliança de Abraham, mesmo estes estão aqui.

Um só, um só, entre todos aqueles que se perderam não voltou hoje.

Ainda uma vez e enquanto prossegue o culto, um homem deve subir para a arca santa e afastar o reposteiro e abrir as portas. É ali que estão os rolos da Lei. É ali, neste armário bafiento, que estão reunidos todos os raios e todos os trovões que estavam no Monte Sinai, e os seus fumos que se elevavam como o fumo duma fornalha.

O trovão está nos seus ouvidos, os relâmpagos deslumbavam os seus olhos, o odor do fumo está nas suas narinas.

Neste dia a sua raça é poderosa, e no seu poder, eles se humilham. Neste dia, lhes é preciso conseguir o seu perdão, nos dias antigos. E aquele, que se mantinha de pé na tribuna, abriu o rolo, e começou a ler, com a voz rouca de júbilo e abafada pelas lágrimas.

«E vós fareis, no décimo dia deste sétimo mês uma santa assembleia; e vós tereis o luto na alma; vós não trabalhareis neste dia.

«Mas vós fareis ao Senhor um sacrificio cujo odor o alegrará: um tourinho, um carneiro, e sete anhos dum ano; e eles serão sem mácula.

«E a oferenda de carne será acompanhada de farinha misturada com óleo: três décimas para um tourinho, e duas décimas para um carneiro.

«E várias décimas por cada anho, dos quais haverá sete.

«E um cabrito...»

Que seria este ruído de passos grosseiros vindo do fundo das escadas? Ele continuou:

«...para a oferenda do pecado; e além da oferenda para a remissão do pecado...»

Que era isto? Porque este rumor? Quem vinha interromper a leitura do Livro mais Santo, e neste dia, dia do Grande Perdão?

Ele tinha voltado, o único que faltava

no grémio da congregação, neste dia. Ele forçou um caminho entre os bancos cheios de homens. Eles encolhiam-se para o evitar, com mais horror do que do contacto dum pestífero. Era Elias, o apóstata. E ele colocou-se diante da arca santa, em frente aos seus irmãos reunidos para fazerem penitência neste dia de Perdão.

Os seus olhos estavam flamejantes. Os seus cabelos arripiados selvagememente na cabeça. Os seus vestidos cheios de lama e de toda a espécie de espinhos.

Ele gritava:

— Irmãos, irmãos, e a sua voz elevava-se, não acrediteis nada disso! Já passou o dia em que se deve oferecer o cabrito! E já não há sentido nenhum na oferenda assada, nem na oferenda de carne, nem na oferenda de bebida!

O nosso Perdão foi feito para nós, é meus irmãos em Sion, por nosso irmão o Cristo! Escutai, eu vo-lo ordeno, porque as minhas horas estão contadas! Escutai, porque eu falo com a autoridade deste corpo que ele feriu por nós e deste sangue que ele derramou por nós sob a forma de vinho. E eu vos falo sob o sinal desta Cruz!

E ele tirou do peito um crucifixo que levantou diante dos seus olhos, de pé diante da arca, o Santo dos Santos, neste dia do Grande Perdão.

Um grito de horror se levantou entre eles, mas que não parecia ter saído das suas gargantas ou das suas línguas. O grito saía do fundo dos arcanos violados dos seus seres; grito mais desolado e mais horrível que o vento nos canaviais dum rio pestilento, ou que uma voz entre as sombras num campo de batalha.

— Acreditais que eu não saiba o horrível sacrilégio que segundo vós eu cometo trazendo-vos o Cristo? Não estais vós neste dia suficientemente afastados dele, a única redenção? Em que dia seria preciso que eu vo-lo traga para que o escuteis?

— Matai-me! Matai-me! Que os meus ossos sejam dispersos no deserto! Mas eu sobreviverei no sangue do Cristo! Porque o Senhor está comigo que é terrível e poderoso: e é porque os meus perseguidores tremerão e não sobreviverão!

— Eu não venho neste dia vos pedir perdão. Eu venho armado de raios mais supremos que os raios do Sinai. Porque

o véu do Templo se rasgou do alto até baixo, e a terra treme e as montanhas se abrem. Mas é preciso que vós me escuteis.

Eles não ouviam nada. Os seus olhos vitrificadas fixavam-se no signo pelo qual os seus corpos tinham sido feridos, eternidade sem fim, e o seu sangue derramado como se fosse vinho. Os cães estavam repletos dele, que bebiam nos regos das ruas.

Eles não ouviam nada. Mas o seu sangue já acalmado batia-lhes agora no cérebro como o batente duma porta. Os seus dedos encolhiam-se como garras. O ar era vermelho como reflexo dum fogo ou de algum sangue fumegante derramado. As suas faces saíam dos seus peitos. Os seus corpos estendiam-se para a Arca, violada como nunca ainda nos anais da sua raça; estendiam-se para o apóstata, inspirado e hediondo, para a sua garganta, para os seus olhos.

Então ouviu-se uma voz que resoou como a voz do arcanjo de Deus.

— Parai! gritou ela, esta voz caindo em cascata sobre as nuvens, do alto do centro dos céus.

O homem parou, o nome de Cristo suspenso nos seus lábios. Os outros voltaram a cabeça. Era Lea, a mulher do apóstata. Ela brilhava e dominava, esta mulher frágil e mortal.

— Parai! gritava ela, vós esqueceste-vos? Esqueceste-vos que dia é este? Quê! Não é o dia mais sagrado, o dia do Grande Perdão?

• Tocarieis no que serve para fazer fogo

ou para cozer alimentos? Tocarieis num animal dos campos que seja impuro? E vós porieis a mão sobre esta coisa da maior impiedade? Como não seriam manchados os vossos dedos neste mais santo dos dias? Voltai para os vossos lugares, eu vo-lo digo. Deixai-o falar até que a sua língua obscena lhe caia da boca. Tapai os vossos ouvidos com as mãos, homens, mulheres e crianças desta sinagoga. Sou eu que vos peço por Deus. Deus nomeará o vingador, não tendes receio! Eles retomaram os seus lugares, homens, mulheres e crianças.

Ela retomou o seu lugar contra a grade. Ele retomou ainda uma vez o seu tema interrompido, o Cristo e o amor de Cristo, o Cristo e o seu terror.

Homens, mulheres e crianças permaneciam acocorados, a cabeça sobre os joelhos, as mãos apertadas contra as orelhas. Eles não ouviam nada.

— Gesto secular de Israel! Exclamou ele. Teimosia feita carne!

Eles não mexeram. Os seus rostos estavam cinzentos como túmulos. As palavras param-lhe nos lábios, o seu pescoço cedeu. O seu corpo esterilizou-se. Ele safu como uma besta vergonhosa, e batida.

Eles tinham-no vencido, eles tinham vencido o Cristo.

*Nota da Redacção* — O que acabam de ler foi extraído do romance, publicado em Londres, Day of Atonement. O seu autor é o romancista judeu Luiz Golding. O assunto do romance é o conflito de duas almas, Elias, que se converteu ao cristianismo e se fez missionário, e sua mulher Lea, que ficou fiel ao judaísmo, dilacerada entre a sua fé e o seu amor.

## HANUKAH

(O SÍMBOLO DA LUZ)

Não há símbolo mais universal que o da luz. E não há nada de mais religioso. Se a religião não é o facho que dirige os nossos passos durante toda a nossa carreira terrestre, a doce flama que nos acalenta quando as provas e as desilusões da vida lançam sobre a pobre alma um frio mortal, a penetrante claridade que nas horas perturbadas da hesitação e da dúvida, nos mostra o dever a cumprir, o bem a fazer, a tarefa a desempenhar, então ela não é senão de secas abstracções, vãs fórmulas, gestos rotineiros.

Todas as religiões tomaram pois o fogo para rito simbólico; as mais simples, considerando as dificuldades que o homem experimentava a obtê-lo, o honraram como a grande manifestação da potência divina, as mais perfeitas guardaram-no como emblema espiritualizando-o. As que o rejeitaram transformaram os seus templos em salas de reuniões onde não se sente a sua presença e onde resuma o aborrecimento; elas substituíram a tradição pelo racionismo e o seu culto tornou-se um perpétuo discurso, uma troca de opiniões indivi-

duais, em lugar de ser uma junção numa fé comum.

De todos os cultos da antiguidade, dois somente subsistiram. Marduk não tem já altar em Babilónia; Rá, a divindade solar dos egípcios, não conduz mais as almas da obscuridade para a luz; o grande Osiris não tem já fiéis e as divindades de Roma e de Atenas não existem mais para nenhuma consciência religiosa. Mas o parsismo e o judaísmo, estas duas velhas religiões que outrora tiveram entre si estreitas relações, continuam a viver. Os nomes divinos, pelos quais se traduzem as suas crenças respectivas, têm ainda um sentido nas preces dos seus adoradores. Ahura-Mazda, o Senhor da luz é venerado nas comunidades dos parses, pouco numerosos, mas notáveis pela pureza dos seus costumes, e o Nome sagrado, incomunicável, o Tetragrama, que prostrava Israel num santo tremor quando, um só dia no ano, ele era pronunciado pelo grande sacerdote no Templo de Jerusalém, une ainda nos nossos dias os judeus do mundo inteiro.

Estas duas religiões conservaram sempre o símbolo da luz. Os padres parses mantêm nos seus templos o fogo sagrado cobrindo os seus rostos com um véu, com medo de o manchar com o seu hálito e, depois da destruição do santuário de Jerusalém, onde as lâmpadas do candeeiro de sete ramos ardiam constantemente diante do Santo dos santos, Israel manteve nas suas sinagogas a *ner tamid* (lâmpada perene) da sinagoga, acesa diante da Torah que representa toda a sua herança sagrada.

Mas a lâmpada perpétua simboliza em Israel a continuidade da sua fé e das suas esperanças, a participação para todo o povo judeu do tesouro de crenças legado pelos pais. É um símbolo colectivo que vale por si próprio; ele exprime bem melhor a grandeza do passado e a riqueza das suas recordações que a vida religiosa da época presente, em que a tibieza e a ignorância o arrebatam sobre a sabedoria e a piedade. Não houvesse mais judeu crente e praticante numa comunidade, a *ner tamid* da sinagoga abandonada guardaria ainda todo o seu valor de emblema.

Não é o mesmo para o candeeiro de Hanukah. As suas luzes não são somente destinadas a iluminar a sinagoga, elas devem brilhar em todas as moradas judaicas.

O seu número vai aumentando cada dia uma unidade durante toda a oitava da festa. É uma luz viva e progressiva. Ela indica que a religião de Israel exige de cada um dos seus verdadeiros fiéis um esforço constante e pessoal para manter e enriquecer o seu património sagrado, para preservar e desenvolver este legado precioso, para organizar e propagar a sua acção beneficente. É preciso cada dia uma mão piedosa para acender a *menorah* (candeeiro). É preciso cada dia um acto de vontade, de fé, e coragem, talvez um sacrifício para ser um judeu consciente, capaz de transmitir fielmente às gerações futuras, acrescido e não diminuído, o depósito recebido dos antepassados.

É de bom augúrio constatar que no judaísmo moderno, onde a vida religiosa é tão anémica e cujas instituições tradicionais sofrem dum desequilíbrio que ferem todas as atenções, a festa de Hanukah tem um reganho de popularidade. O movimento empreendido em favor do renascimento judaico sobre a terra bíblica não é estranho a isso. A ideia que novas páginas iam juntar-se à história de Israel na pátria dos profetas valorizou as recordações do passado. O espírito dos Macabeus revelou-se nos pioneiros da restauração palestinese; como os filhos de Matatias, eles declararam-se prontos a consagrar a sua vida pela causa que queriam servir e muitos túmulos de jovens e raparigas povoam já os cemitérios da Judeia. Mas nós sabemos que nada de grande se faz cá na terra sem o sacrifício e não nos espantemos, que, triunfando das dificuldades e dos perigos da empresa pela fé do ideal reencontrado, os filhos tenham feito de novo brilhar as luzes de Hanukah que os pais, indiferentes, tinham já há muito tempo deixado apagadas.

A Escritura aplica o símbolo da luz ao próprio Deus: «O Senhor é a minha luz e a minha salvação!» exclama o Salmista (S. 29, 1); na revelação que ele faz à alma humana: «É pela tua luz que nós vemos a luz (S. 36, 16)»; à lei divina: «A tua palavra é uma lâmpada que ilumina os meus passos, uma luz sobre o meu caminho (S. 119, 105); à consciência que o mal oblitera e abafa: «A luz do malvado extinguir-se-á e a chama que lhe fora dada cessará de brilhar» (Job 18, 5). Haveria um longo e interessante estudo a fazer sobre os numerosos textos bíblicos nos

# MEMÓRIAS

da Literatura Sagrada dos judeus portugueses desde os primeiros tempos da Monarquia até fins do Século XV

## MEMÓRIA I

POR ANTONIO RIBEIRO DOS SANTOS

(CONTINUAÇÃO DO N.º 184)

**Antiguidade da nossa Tipografia sobre outras Nações** — E por conseguinte viemos a ter tipografia e impressão de Livros Hebraicos primeiro que Veneza, Roma, Sabioneta, Mantua, Cremona, Verona, Briseia, Ferrara e outras cidades de Itália e primeiro, que Constantinopla e Thessalónica e muito antes de França, Inglaterra, Castela, Polónia, Holanda e a mesma Alemanha.

**Imprimidores Judeus** — Memória nos ficou de três judeus distintos imprimidores, a quem se deveram naquele Século as edições Bíblicas e Rablínicas que hoje restam; foram eles Rab. Tzorba, Rabban Eliezer e Zacheo seu filho (Consta das edições, de que adiante faremos menção); que parece haverem sido os primeiros que levantaram as Tipografias Hebraicas de Lisboa e de Leiria e dos primeiros Imprimidores, que houve em Portugal (Pelo que toca às Tipografias Hebraicas não oferecem outras obras mais antigas que as suas. Quanto à Tipografia Portuguesa em geral parece, que eles foram dos primeiros Impressores, que cá tivemos, porque à excepção da Carta do Bispo da Guarda, da *Tradução das Epístolas, e Evangelhos* por Paulo de S. Maria, e das obras do Infante D. Pedro, de que

acima falamos, não sabemos, que houvesse outra obra impressa mais antiga, que as edições Hebraicas destes judeus; a impressão da *Vida de Cristo* traduzida por Fr. Bernardo de Alcobaça, de Valentim de Morávia e Nicolau de Saxonia, que é uma das mais antigas, foi em 1495, e por conseguinte dez anos posterior às primeiras edições Hebraicas; e as impressões de Jacob Cromberger, de Germão Galhorde, e de outros são ainda mais modernas, do que esta, e vão dar quase todas nos princípios do Século XVI como são, depois das *Tábuas Astronómicas* de Abraham Zacuto em 1496; as obras de D. Pedro de Meneses terceiro Marquez de Vila Real em 1500; o *Regimento para a conservação da Saúde traduzido de Latim em Português* por Fr. Luís de Rez, Provincial dos Franciscanos Claustrais, e impresso antes de 1501, a *Arte de Portrana* em 1501, a *Relação da Viagem de Marco Polo Veneziana à Índia traduzida* por Valentim Fernandes e impressa em 1502 e a *Regra e Definições da ordem de Cristo*, impressas em 1504 que são também das mais antigas obras, que apresenta a Tipografia Portuguesa.

(Continua).

quais o escritor sagrado recorreu a esta imagem. Esta é empregada também para designar a glória futura de Israel; quando as verdades religiosas das quais ele tem o depósito terão triunfado no mundo, quando todos os nomes divinos dos diversos cultos que partilham a humanidade se fundirem no Nome sagrado do Deus Uno: "A luz de Israel, diz Isaias (10, 17), será como um fogo e o seu Santo como uma flama ardente". Levanta-te, sê esclarecida, por-

que eis a tua luz e a glória divina se levanta sobre ti... nações caminham para a tua luz e reis para a claridade dos teus raios" (60, 1, 3).

Que em todas as moradas judaicas onde as luzes de Hanukah lançarem a sua claridade, a esperança dum renovo do judaísmo renasça com elas e, em cada coração, o desejo de lhe preparar a sua chegada.

AIMÉ PALLIÈRE (do *Univers Israélite*).